

A experiência de si: o sentir/pensar no contexto da pandemia

La experiencia de sí: el sentir/pensar en el contexto de la pandemia

Erika Souza Leme¹Christina Holmes Brazil²Lusimar Andrade³Paula Joana Souza de Cerqueira⁴

DOI 10.26512/museologia.v10i19.37342

129

REVISTA DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

Resumo

A pesquisa "Formação Cultural e Educação inclusiva: ampliando horizontes e diminuindo barreiras", baseada na perspectiva da Teoria Crítica, criou o Portfólio "Escrita de Si" a partir de produções culturais, que provocam o pensamento crítico e a abordagem sensível da vida, com vistas à formação de si. Trata-se de um produto teórico-metodológico que engloba a formação de subjetividades inclusivas ancoradas nas dimensões de acessibilidade e sensibilidade. Assim, tem como objetivo apreender os sentidos e os significados experienciados por todas as vidas humanas, independentemente de suas especificidades, no contexto da pandemia da COVID-19. Operando com a contingência desta crise humanitária, o portfólio se configura como um instrumento de resistência, por possibilitar experiências de sentir/pensar, que configuram um processo de entendimento, de conhecimento e de formação, possibilitando que as experiências sejam significativas e reverberem em ações, dando sentido ao que somos e ao que nos acontece.

Palavras-chave

Formação Cultural. Educação Inclusiva. Acessibilidade. Sensibilidade. Experiência.

Resumen

La investigación "Formación Cultural y Educación inclusiva: ampliando horizontes y disminuyendo barreras", basada en la perspectiva de la Teoría Crítica, creó el Portfólio "Escrita de Si" a partir de producciones culturales, que provocan el pensamiento crítico y el abordaje sensible de la vida, con vistas a la formación de sí. Se trata de un producto teórico-metodológico que engloba la formación de subjetividades inclusivas ancladas en las dimensiones de accesibilidad y sensibilidad. Así, tiene como objetivo aprehender los sentidos y los significados experienciados por todas las vidas humanas, independentemente de sus especificidades, en el contexto de la pandemia de la COVID -19. Operando con la contingencia de esta crisis humanitaria, el Portfólio se configura como un instrumento de resistencia, por posibilitar experiencias de sentir/pensar, que configuran un proceso de entendimiento, de conocimiento y de formación, posibilitando que las experiencias sean significativas y reverberan en acciones, dando sentido a lo que somos y a lo que nos acontece.

Palabras-claves

Formación cultural. Educación inclusiva. Accesibilidad. Sensibilidad. Experiencia

1 Professora Adjunta da Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense UFF; Líder do Laboratório de Inclusão, Formação Cultural e Educação - LaIFE UFF - E-mail: erika.leme10@gmail.com
ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-8088-6002>

2 Mestre em Educação pelo PPGE-UFRJ; Especialista em Educação Especial - Deficiência Visual pelo CEAD-UNIRIO; Bacharel em Direito pelo Centro Universitário Augusto Motta; Pedagoga - UFRJ; Transcritora Braille - IBC. Arteterapeuta pela Clínica Pomar - RJ. Membro do Laboratório de Inclusão, Formação Cultural e Educação - LaIFE UFF - E-mail: christinabrazil@gmail.com
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8092-4398>

3 Professora de Língua Espanhola pela Universidade Federal Fluminense UFF. Técnica de Assuntos Educacionais - Centro de Artes UFF; Membro do Laboratório de Inclusão, Formação Cultural e Educação - LaIFE UFF - E-mail: lu.2015.andrade@gmail.com - ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-2882-8964>

4 Jornalista pelas Faculdades Integradas Hélio Alonso; Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal Fluminense - UFF; Bolsista de iniciação científica (FAPERJ). Membro do Laboratório de Inclusão, Formação Cultural e Educação - LaIFE UFF - E-mail: paulajsc@gmail.com
ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-3841-5194>

Introdução

A pandemia da COVID-19 nos impôs um isolamento involuntário, que nos possibilitou olhar para dentro, para si, para coisas que passavam ao largo, despercebidas ou até mesmo menosprezadas pela vida modelada (ADORNO, 2010). Ilhados e diante da ameaça à vida, reinventamos nossos modos de viver, pois, estar frente a frente com as fragilidades humanas mobilizou, em muitos de nós, a busca por afetos e delicadezas nos gestos e das coisas. Tal busca traz em si certo potencial de resistência, de reflexão e autorreflexão frente às barbáries naturalizadas pelo sistema, que determina o modo de vida na contemporaneidade.

Decerto que estamos diante de uma grande crise, que nos impele a pensar sobre os modos de produção da vida, de sua banalização e da centralidade no acúmulo de capital, que só considera o ser humano quando está produzindo. Tal cenário descortina a engrenagem que mantém a alienação dos indivíduos, forjada a partir de processos formativos baseados em um modelo instrumental, que privilegia a racionalidade técnica.

Consequentemente, a sociedade contemporânea perdeu a capacidade de cultivar indivíduos sem gerar individualismos, devido à dificuldade de formação de subjetividades autônomas frente aos parâmetros sociais vigentes, nos quais o mundo sensível e o mundo intelectual já não se articulam.

A ausência de sentidos e significados gera a frieza e a indiferença em relação ao outro, daí se explica, por exemplo, reações desumanas como na história de uma mulher que, após assistir a dramatização do Diário de Anne Frank, declarou: “Bem, poderiam ao menos ter poupado esta menina” (ADORNO, 2010: 47), ou de um pronunciamento público dizendo “alguns vão morrer”.

Valendo-nos do pensamento de Adorno (2005: 5), ressaltamos que:

A desumanização implantada pelo processo capitalista de produção negou aos trabalhadores todos os pressupostos para a formação e, acima de tudo, o ócio. As tentativas pedagógicas de remediar a situação se transformaram em caricaturas. Toda a chamada “educação popular” — a escolha dessa expressão demandou muito cuidado — nutriu-se da ilusão de que a formação, por si mesma e isolada, poderia revogar a exclusão do proletariado, que sabemos ser uma realidade socialmente constituída.

Tais fatos nos remetem a Adorno (1995: 189), ao afirmar que “Somente a tomada de consciência do social proporciona ao conhecimento a objetividade que ele perde por descuido enquanto obedece às forças sociais que o governam, sem refletir sobre elas. Crítica da sociedade é crítica do conhecimento e vice-versa”. Notadamente, a questão da formação que nos humaniza coloca-se nos dias de hoje de maneira mais premente do que nunca. Emancipar-nos, cultivar o inconformismo, desenvolver a arte de fazer experiência e de pensar são primordiais para uma formação que precisa ser crítica e humanizadora.

Em vista dessa realidade, neste texto, procuramos refletir sobre o conceito de Formação Cultural (*Bildung*), pelo seu potencial formativo de subjetividades emancipadas e autônomas vinculado ao projeto educacional e formativo assentado na experiência crítica com a cultura e, por conseguinte, pelas produções culturais de maneira geral.

Partilhando da compreensão de que a formação cultural “[...] tem-se o conceito de formação (em alemão, *bildung*), que diz respeito à possibilidade intrínseca ao indivíduo de, pelas trajetórias individuais, construir condições de

fazer frente às pressões sociais, evitando assim a adesão cega e atitudes irrefletidas” (SIMÕES, 2016: 535). Sendo assim, apostamos na interface entre a formação cultural e educação inclusiva como processo que conecta os conceitos de experiência, arte, educação, acessibilidade e sensibilidade. Isso porque, “a *Bildung* é tensão espiritual do eu, contato profundo com as várias esferas da cultura e consciência de um crescimento interior para formas de personalidades cada vez mais complexas e harmônicas” (CAMBI, 1999: 420).

A complexidade de tal meta impõe considerar o isolamento social no cenário pandêmico, cujo contexto se apresenta como um cenário profícuo à reflexão e ao cultivo de si, imanente à *Bildung*. Este contexto, frente à relação do indivíduo com a sociedade, se torna condição essencial para não passarmos o atual momento frivolamente.

Provocadas por esse estado de coisas, nos lançamos ao processo de elaboração de possibilidades, de fortalecimento da esperança por dias melhores, de lidar com a realidade (im)pensada e, sobretudo, de nos (re)conectarmos aos caminhos do que é humano, que diz respeito à formação de si na relação com o outro.

Na base desta proposta está a concepção de inclusão, tal como defendida na Declaração de Salamanca (UNESCO, 1994: 4),

Uma pedagogia centrada na criança pode impedir o desperdício de recursos e o enfraquecimento de esperanças, tão frequentemente consequências de uma instrução de baixa qualidade e de uma mentalidade educacional baseada na ideia de que “um tamanho serve a todos”. Escolas centradas na criança são além do mais a base de treino para uma sociedade baseada no povo, que respeita tanto as diferenças quanto a dignidade de todos os seres humanos. Uma mudança de perspectiva social é imperativa.

Essa guinada de perspectiva, pressupõe processos formativos calcados no sensível, na experiência, no contato com a diferença, pelo exercício de auto-conhecimento, no refinamento dos sentidos para (re)visões e (re)significações de práticas cristalizadas socialmente, indo ao encontro dos pressupostos da formação cultural, por se tratar de uma ação formativa abrangente, com canais de conexões com a arte, a ética, a estesia e a cultura, rechaçando o mero conhecimento instrumental e utilitário.

Estamos lidando com uma visão ampliada da perspectiva de formação humana, vinculada a todos os âmbitos sociais como cultura, política, ciência, economia, arte, não se restringindo apenas aos ambientes escolares. Desse modo, tal perspectiva formativa pode ajudar na construção de subjetividades inclusivas, capazes de elaborar sentidos genuínos à existência humana.

Nesse quadro de referências, elaboramos o Portfólio “Escrita de Si”, que empreende conexões com a experiência, cultura, educação inclusiva e acessibilidade, por meio de produções culturais, que trazem à potência do humano em si.

Consubstanciados pelo referencial da Teoria Crítica, neste texto, refletimos sobre o produto da pesquisa, o Portfólio “Escrita de Si”, um acervo virtual de produções culturais, que se configura como um instrumento de mobilização de sentidos e significados, cujo potencial humanizador se expressa pela via de apropriação, objetivação e subjetivação do real, constituindo-se de um saber reflexivo e de acessibilidade com sensibilidade.

A Experiência de si:
o sentir/pensar no contexto da pandemia

Formação de Si: porque é preciso romper com a desumanização

Com vistas a empreender reflexões sobre os limites e as possibilidades da formação de subjetividades inclusivas, sensíveis e atentas às demandas humanas, ou seja, que tivesse como premissa o “cultivo de si mesmo”, nos voltamos à Formação Cultural (*Bildung*), uma orientação que engloba as dimensões do intelecto, do desejo e dos sentidos, desenvolvida por e dentro da humanidade:

A formação cultural é justamente aquilo para o que não existem à disposição hábitos adequados; ela só pode ser adquirida mediante esforço espontâneo e interesse, não pode ser garantida simplesmente por meio da frequência de cursos [...]. Na verdade ela nem corresponde ao esforço, mas sim à disposição aberta, à capacidade de se abrir a elementos do espírito, apropriando-os de modo produtivo na consciência, em vez de se ocupar unicamente para aprender; conforme prescreve um clichê insuportável (ADORNO, 2010: 64).

A *Bildung*, compreendida como formação cultural e formação de si, traz em seu bojo o processo individual e autoformativo das subjetividades humanas, capaz de romper com o recrudescimento da objetividade técnica e mecanicista dos modelos produtivos, sociais e educacionais vigentes. Em outras palavras, a *Bildung* traz em si um conceito muito amplo que está direcionado à formação integral do homem, aquela que ultrapassa os muros da escola e está além dos conteúdos curriculares. Seria a formação ampla do indivíduo, a partir do desenvolvimento de todas as capacidades humanas em todas as direções, tal como defende Marangon (2013: 65):

Ao oportunizar para os indivíduos experiências de ação e de vida, é possível visualizar que os espaços não formais se desenham como possíveis elementos formativos como os preconizados pela *Bildung*, pois abarcam a diversidade sociocultural, tendo abertura para serem constituídos e direcionados para a construção da autonomia, da autorrealização e da autoestima, através das experiências variadas.

Em tempos de recrudescimento do desrespeito à vida, sobretudo no período pandêmico que nos encontramos, em que o valor do indivíduo se torna acima de tudo um tema econômico, urge possibilitarmos experiências de reflexão e autorreflexão, nutrindo uma agenda sensível às diferenças, a fim de lidar com as barreiras (in)visíveis da exclusão e da indiferença, indo ao encontro do impulso da Formação Cultural (*Bildung*) de possibilitar a diferenciação entre os indivíduos, ou seja, que se tornem diferentes do que opera o sistema social para serem, sempre iguais e perfeitos.

Na visão do frankfurtiano, uma formação que não apenas instrumentalize mas, sobretudo, humanize, implica fomentar uma visão de si diante do mundo, isso porque, a formação envolve desconstruções e reconstruções na medida em que o indivíduo vai se formando e, conseqüentemente, se transformando. Sobretudo, no mundo administrado em que vivemos, onde o ter é mais valioso que o ser, e a ordem capitalista se sobrepõe ao cultivo de si mesmo, o qual demanda tempo e disponibilidade, sendo um potente meio de se descortinar as armadilhas da contemporaneidade e uma forte arma de resistência.

Dialogando com essa concepção, Larrosa (2002) apresenta a perspectiva de se pensar a educação a partir do par experiência/sentido, no qual a arte se mostra como forma potencializadora da produção de sentidos na medida em que rompe com a reificação humana, aumentando o repertório de mundo

a partir da experiência. O sujeito da experiência é aquele que se disponibiliza receber passivamente o que o toque, o passe, o que o aconteça, ou seja, estando aberto à sua própria formação e transformação (LARROSA, 2002).

A resposta a esse desafio está na compreensão dos excessos e aligeiramentos dos processos formativos, tal como podemos constatar:

O semiculto se dedica à conservação de si mesmo sem si mesmo. Não pode permitir, então, aquilo em que, segundo toda a teoria burguesa, se constituía a subjetividade: a experiência e o conceito. Assim procura subjetivamente a possibilidade da formação cultural, ao mesmo tempo, em que, objetivamente, se coloca todo contra ela. A experiência – a continuidade da consciência em que perdura o ainda não existente e em que o exercício e a associação fundamental uma tradição do indivíduo – fica substituída por um estado informativo pontual, desconectado, intercambiável e efêmero, e que se sabe que ficará borrado no próximo instante por outras informações (ADORNO, 2005: 15).

Daí porque defendemos o conceito de experiência, por pressupor tempo, passividade, receptividade, disponibilidade e abertura. Ao defender uma educação a partir do par *sentir/pensar*, o Portfólio “Escrita de Si” busca provocar a elaboração das experiências vividas, capazes de sensibilizar os indivíduos, fazendo com que os aprendizados sejam significativos e reverberem em nossas ações, dando sentido ao que somos e ao que nos acontece.

Acessibilidade e sensibilidade: experiência ancorada na especificidade humana

Como somos afetados? Como lapidamos nossas sensações e percepções? Mobilizadas por esses questionamentos nos lançamos à reflexão sobre as possibilidades de desenvolvimento da acessibilidade com sensibilidade.

Isso porque, embora seja primordial, a acessibilidade por si não alcança a íntima relação com os processos de autoconhecimento, participação e alteridade. Aí a necessidade do entrelaçamento com as dimensões estética e estésica prementes nas produções culturais, a fim de amplificar nossas percepções, sensações, emoções e conexões com o mundo.

Não por acaso, que a Declaração Universal dos Direitos Humanos (UNESCO, 1948), proclama no artigo 26, §1º, que “Toda pessoa tem direito à instrução” e no artigo 27, §1º, que “Toda pessoa tem o direito de participar livremente da vida cultural da comunidade, de fruir as artes e de participar do processo científico e de seus benefícios”.

Tais prerrogativas podem ser identificadas no princípio da dignidade da pessoa humana assegurado em nossa Constituição Federal (BRASIL, 1988) que, enquanto Direito Fundamental, assegura a igualdade sem distinção de qualquer natureza (art. 5º, caput). Nesse sentido, vale destacar os artigos 227, §2º, e 244, por tratarem da garantia de acesso, bem como o artigo 206, I, por assegurar que ensino será ministrado com base na “igualdade de condições para o acesso e permanência na escola”.

No âmbito da Convenção sobre os Direitos da Pessoa com Deficiência (BRASIL, 2009), acessibilidade é um princípio, ou seja, é um dos “pilares estruturais do Direito, orientando a interpretação dos textos legais e suas respectivas implementações” (DIAS et alli, 2014: 73) e, sendo o Brasil signatário dessa Convenção, é de se esperar a viabilização de políticas públicas nacionais ancoradas na acessibilidade como um princípio à dignidade humana.

A Experiência de si:
o sentir/pensar no contexto da pandemia

Esse princípio, pelo qual se pode e deve lutar, estrutura a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (LBI), “destinada a assegurar e a promover, em condições de igualdade, o exercício dos direitos e das liberdades fundamentais por pessoa com deficiência, visando à sua inclusão social e cidadania” (Art. 1º, caput da Lei nº 13.146, de julho de 2015), lançando mão do princípio da acessibilidade como:

Possibilidade e condição de alcance para utilização, com segurança e autonomia, de espaços, mobiliários, equipamentos urbanos, edificações, transportes, informação e comunicação, inclusive seus sistemas e tecnologias, bem como de outros serviços e instalações abertos ao público, de uso público ou privados de uso coletivo, tanto na zona urbana como na rural, por pessoa com deficiência ou com mobilidade reduzida (Art. 3º, I).

O conceito de acessibilidade proposto pela LBI atrela o conceito de pessoa com deficiência à dimensão biopsicossocial, que dá centralidade à coexistência dialógica e uma vida plena de sentidos, oportunidades e possibilidades. Tal envergadura, nos faz pensar na dimensão social, uma vez que a acessibilidade tem influência na vida das pessoas, indo ao encontro das proposições de Adorno (1973: 47), para quem:

A vida humana é essencialmente e não por mera casualidade convivência. Com essa afirmação, põe-se em dúvida o conceito do indivíduo como unidade social fundamental. Se o homem, na própria base de sua existência, é para os outros, que são seus semelhantes, e se unicamente por eles é que o que é, então sua definição última não é a de uma invisibilidade e unicidade primárias mas, outrossim, a de uma participação e comunicação necessárias para os outros.

Podemos constatar que, para o referido autor, o sentido da existência é essencialmente o desenvolvimento das relações sociais dissociadas da idealização cega em meio às contradições apresentadas pelas condições históricas da subjetividade. Tal perspectiva tensiona a lógica da deficiência centralizada no indivíduo e revela que o cerne da reflexão deve ser a cultura, os aparatos culturais, sociais e econômicos que imprimem modos de ser e estar na sociedade. Nesses termos, a deficiência não é um problema das pessoas com deficiência, ou de suas famílias, ou dos especialistas e sim de toda a sociedade, por expressar a condição humana.

Sobre tal envergadura, sustentamos a força e a razão das mediações culturais inclusivas, como educação do sensível e a formação de intersubjetividades inclusivas, que compreendam a diferença humana alicerçada em práticas de alteridade. Assim, a dimensão estética viabiliza circuitos em potencial para o desenvolvimento de relações de afeto, indo de encontro ao empobrecimento da experiência e do livre pensar, tal como postulam Adorno e Horkheimer (1985: 41):

A unificação da função intelectual, graças à qual se efetua a dominação dos sentidos, a resignação do pensamento em vista da produção da unanimidade, significa o empobrecimento do pensamento bem como da experiência: a separação dos dois domínios prejudica a ambos.

As marcas do encontro de cada um com a arte e os modos de contato com as produções culturais tendem a romper com as identidades cristalizadas e, ao mesmo tempo, enfrentar a banalização da experiência. Sendo essas as bases

da proposta das mediações culturais inclusivas, que têm como intuito fortalecer a sensibilização e os elos entre as pessoas com ou sem deficiência, para que juntas possam compreender a si e ao outro na complexa relação tecida pelas contradições sociais e não humanas.

Nesse movimento é importante não prescindir de todos os sentidos humanos. Logo, amparadas na concepção de Formação Cultural (*Bildung*), concordamos com o que disse o escultor mineiro Amilcar de Castro: “Se a sensibilidade não chega, não é o conhecimento que vai te levar”⁵. Tal perspectiva nos remete à arte, como crítica à cultura, ao entretenimento e à alienação das consciências, de modo que “*a priori*, antes de suas obras, a arte é uma crítica da feroz seriedade que a realidade impõe sobre os seres humanos” (ADORNO, 2001: 13).

Entretanto, a arte não se torna uma alternativa ao pensar, pelo contrário, é o contraponto crítico de que a razão necessita. Por isso, se constitui como terreno fértil à formação humanizadora, à medida que possibilita aos indivíduos se relacionarem com os símbolos como uma instância capaz de tensionar a realidade. Essa relação da produção cultural de desnudar as contradições sociais, de expressar o contexto, de propiciar reflexões sobre as experiências vividas, confere à formação cultural o *status* de uma possível (trans)formação social, por postular um processo interativo, dialógico e sensível sobre os desafios enfrentados pela humanidade.

Eis o desafio posto, desenvolver a sensibilidade, ampliar o olhar, a escuta, possibilitar partilhas e movimentos de apropriação subjetiva e coletivamente, uma vez que os elementos estéticos ajudam a reeducar a racionalidade. Nessa perspectiva, aponta Gagnebin (2007: 69):

A importância decisiva da reflexão estética na filosofia de Adorno me parece se situar ali, nesta renovação do pensamento por aquilo que não foi pensado nem previsto, por aquilo que ameaça o pensamento, mas também o estimula, enfim, por algo que não lhe pertence, que lhe é estrangeiro, mas de que pode se aproximar para inventar novas configurações de sentido.

Assim, o movimento intencional de produção de acessibilidade com sensibilidade busca oferecer elementos e instrumentos para a compreensão da vida e projeção de novos caminhos, afirmando e redefinindo experiências genuínas. Permitindo advir projetos singulares, que se conectam com outros saberes e com outras pessoas, que vão dar sentido à realidade de perceber, sentir, ver, ouvir, tocar, apreciar atribuindo novas (re)significações à capacidade perceptiva, reflexiva e expressiva de ser/estar no mundo.

Caminhos metodológicos à mediação cultural inclusiva

O projeto de pesquisa e extensão “Formação Cultural e Educação Inclusiva: ampliando horizontes e diminuindo barreiras”⁶ desenvolvido pelo Laboratório de Inclusão, Formação Cultural e Educação (LaIFE), vinculado à Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense (FE-UFF), em parceria com o Centro de Artes da Universidade Federal Fluminense (CEART-UFF), investiga e

5 Citação feita por Paulo Pasta em entrevista concedida no blog da revista Veja acessada em 31 de março de 2021: <https://vejasp.abril.com.br/blog/arte-ao-redor/paulo-pasta-quarentena/>.

6 Pesquisa contemplada com bolsa de iniciação científica da Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro - FAPERJ.

A Experiência de si:
o sentir/pensar no contexto da pandemia

produz mediações culturais inclusivas como elemento formador de subjetividades inclusivas e, conseqüentemente, como possibilidade de transformação social na contemporaneidade.

O Centro de Artes da Universidade Federal Fluminense - UFF⁷ é um polo de produção e difusão cultural da cidade de Niterói-RJ, realiza programas voltados para todas as manifestações artísticas culturais de múltiplas linguagens: exposições, shows, concertos, ciclos cinematográficos, peças teatrais e apresentações diversas em seu conjunto de espaços: cinema, teatro e de arte visuais. Na expectativa de contribuir para a formação humana, filosófica e cultural junto da comunidade de Niterói e arredores. Toda essa estrutura conta com o trabalho da mediação educativa, que a partir da parceria com o projeto de pesquisa e extensão em tela, vem corroborar com a missão da Universidade de disseminar o conhecimento através de mediação cultural inclusiva, que fomenta o acesso democrático e receptivo a todos, independentemente de sua condição física, sensorial, cognitiva, social, cultural, étnica e religiosa a usufruir e participar das atividades do CEART-UFF. Reafirmando seu compromisso ético, político e social de ser um espaço crítico, criativo, vibrante e pulsante de encontros com produções culturais.

Nesse enlace e, em meio à pandemia da COVID-19, engendramos o Portfólio “Escrita de Si”, um produto de mediação cultural inclusiva elaborado em duas instâncias. A primeira, pela curadoria⁸ de organização das produções culturais realizadas por diversas pessoas com e sem deficiência, que aceitaram o convite de criar uma produção cultural que dialogasse com o contexto da pandemia. Todo esse arranjo lidou com a dimensão de acessibilidade atrelada à sensibilidade. Vale destacar que todos os participantes declaram cessão de direitos autorais para fins educativos.

A segunda, a mediação cultural inclusiva, na qual agregamos às produções culturais uma provocação, a fim de despertar a fruição calcada nas experiências de vida entrelaçadas às múltiplas linguagens que compõem o Portfólio “Escrita de Si”. A inspiração de cada mediação se deu “como um curador que seleciona e escolhe suas imagens entre as suas ‘gavetas de guardados’ como um ‘bricoleur’ que trabalha com os meios disponíveis e como um propositor que inventa e reinventa potencializando experiências estéticas” (MARTINS, 2006: 1), colocando a alteridade e o caráter existencial da condição humana como a grande lente de enxergar o mundo.

Por essa razão, o Portfólio pretende ser o elo de inspiração para novas produções culturais, que expressem experiências outras de (re)elaboração e (re)significação do espaço/tempo da vida em circunstâncias tão adversas. Elaborado para ser acessado virtualmente, o desafio posto foi o de garantir a fruição em igualdade de oportunidades, para isso colocamos em relevo o princípio da comunicação com todos e entre todos:

Comunicação” abrange as línguas, a visualização de textos, o braille, a comunicação tátil, os caracteres ampliados, os dispositivos de multimídia acessível, assim como a linguagem simples, escrita e oral, os sistemas auditivos e os meios de voz digitalizada e os modos, meios e formatos aumentativos e alternativos de comunicação, inclusive a tecnologia da informação e comunicação acessíveis (Art. 2º do Dec. n.º 6.949 de 2009).

7 Site do CEART-UFF: www.centrodeartes.uff.br

8 “A palavra *curadoria* tem origem epistemológica na expressão que vem do latim *curator*, que significa tutor, ou seja, aquele que tem uma administração a seu cuidado, sob sua responsabilidade” (MARTINS, 2006: 4).

Em acordo com essas orientações, primeiramente, nos voltamos à análise de plataformas que possibilitam uma navegação acessível e à criação do site⁹, que comportasse o Portfólio, ou seja, que não estivesse estritamente vinculado às redes sociais ou que a inscrição fosse compulsória.

Em seguida, desenvolvemos um processo laborioso tecido pela análise de acessibilidade com sensibilidade, por conta disso, a página do Portfólio “Escrita de Si”, no site do LaIFE, foi construída com: (1) imagens com texto alternativo; (2) vídeos com legenda e audiodescrição; (3) fontes que podem ser ampliadas; (4) transcrição do áudio em texto; (5) facilidade na navegação e (6) bom contraste.

Para maior abrangência, a interação do Portfólio com os/as participantes se concretiza por meio do formulário do *Google Forms*, que atende aos requisitos de acessibilidade, em que é possível encaminhar/anexar uma produção cultural em áudio, vídeo, imagem e/ou arquivos em Word ou PDF.

Logo, o Portfólio “Escrita de Si” tem como propósito fundamental a humanização do ser humano. Tal abrangência nos convida ao alargamento do olhar sobre a compreensão do contexto e de construção de projetos e atos calcados nas possibilidades voltadas à transformação, sendo esses os pressupostos fundamentais à formação do indivíduo.

Análise: tecendo fios da acessibilidade com sensibilidade

Nos limites do presente artigo, selecionamos duas produções culturais do Portfólio “Escrita de Si” para, a partir delas, tecermos considerações articulando questões evidenciadas, levando em conta o objetivo do projeto que é elaborar mediações culturais inclusivas.

Por conta disso, as produções culturais analisadas neste texto, estruturaram o projeto que aposta na formação de subjetividades inclusivas e, para isso, é fundamental que a arte e a estética falem, ou seja, que sejam veículos de uma comunicação que toca o íntimo de maneira autêntica.

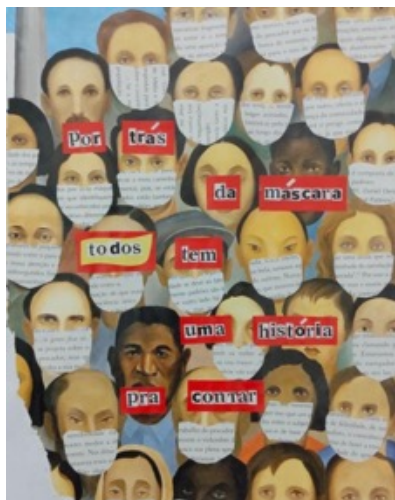
Nesse sentido, o Portfólio “Escrita de Si” empreende uma organização que visa instigar a todos a prestar atenção ao que se vê, de dar significado à obra, de contextualizá-la nesse momento histórico de crise sanitária e de luta pela vida. Bem como de impulsionar o autorreconhecimento por meio da identificação com as temáticas, emoções, sentidos e de ser provocado a elaborar esse momento produzindo sua própria produção cultural.

Na imagem a seguir, apresentamos a produção cultural intitulada “Por trás da máscara”, que abre o Portfólio “Escrita de Si”, pois nossa curadoria compreendeu sua potência de “disparador” de sentidos, provocando de imediato um choque sobre a experiência humana que estamos vivendo, que é a de isolamento social e o uso de máscaras para evitar a propagação do Coronavírus 2 (SARS-CoV-2).

⁹ Acesse o Portfólio “Escrita de Si” na íntegra pelo link: <https://laifeuff.wixsite.com/laife/portfolio-escrita-de-si>

A Experiência de si:
o sentir/pensar no contexto da pandemia

Título: “Por trás da máscara”
Mediação:
“A Pandemia não é a mesma para todos”.
Nos conte a sua história!!



Artista: Anny Mikaelly Gomes de Souza - PE
Trabalho (técnica): Colagem

Inspirada na obra “Operários”, de Tarsila do Amaral, a artista produziu uma intervenção dialogando com os tempos de pandemia em que vivemos. Nota-se que as máscaras nos remetem a jornais, reafirmando a importância da comunicação. Em um primeiro olhar, pode chamar a atenção os seguintes aspectos: por que alguns estão de máscaras e outros não? O vírus “escolhe” etnias ou classe social? Apesar de enxergarmos um todo, junto, como se fosse um bloco, cada parte é um indivíduo, um ser que tem sua história de vida, sua razão para estar ali em um momento tão delicado, de turbulência, inquietações, solidão, incertezas, em que devemos ficar em casa. Nesse sentido, a artista tece uma importante provocação: “Por trás da máscara todos tem uma história para contar”.

Para edificar o processo de sensibilização e de (re)significação do olhar, dos sentidos e de possibilitar experiências outras, agregamos à produção cultural uma mediação, como elemento constitutivo da curadoria, que pretende envolver a todos os participantes. Assim, lançamos o seguinte convite: “A Pandemia não é a mesma para todos”. Nos conte a sua história!! Tal reflexão foi empreendida, uma vez que a mediação tem o potencial de nos fazer enxergar coisas que sozinhos talvez não enxergássemos, que nos passariam despercebidas. Além disso, produzimos a audiodescrição da imagem, a seguir:

[Início da audiodescrição]

Ao fundo, um recorte da tela “Operários”, da pintora Tarsilla do Amaral, composta por rostos de diferentes etnias. Sobre a tela vê-se uma montagem de máscaras feitas de recortes de jornal, que cobrem nariz e boca de algumas pessoas. Sobrepondo a composição, vemos em destaque uma montagem de recortes de palavras que formam a frase: “Por trás da máscara todos tem uma história pra contar”.

[Fim da audiodescrição]

Vale destacar que na perspectiva da Teoria Crítica há uma preocupação em torno de um processo de “visualização”, ou seja, de descortinamento das contradições sociais. Daí porque ser primordial desenvolver o “olhar crítico”, que pressupõe ver o que os outros não veem. Com essa preocupação, ao audiodescrever as imagens do Portfólio, a curadoria buscou cuidadosamente não restringir as descrições aos aspectos concretos das imagens, mas sobretudo, propor acesso ao conteúdo, possibilitando, ao mesmo tempo, a compreensão dos detalhes e nuances das produções culturais descritas.

A decisão de separar o texto literal como contingente e a correlação com o objeto como arbitrária acaba com a mistura supersticiosa da palavra e da coisa. [...] Deste modo a palavra, que não deve significar mais nada e agora só pode designar, fica tão fixada na coisa que ela se torna uma fórmula petrificada. Isso afeta tanto a linguagem quanto o objeto. Ao invés de trazer o objeto à experiência, a palavra purificada serve para exibi-lo como instância de um aspecto abstrato, e tudo o mais, desligado da expressão (que não existe mais) pela busca compulsiva de uma impiedosa clareza, se atrofia também na realidade (ADORNO; HORKHEIMER, 1985: 136).

Neste sentido, a experiência se dá na relação entre o conhecimento e a vida, mas não o conhecimento técnico e asséptico e sim o saber da experiência, que nos acontece. A arte nos provoca ao autoconhecimento, entrelaçando diferentes perspectivas, tecendo encontros e sentidos entre o individual e o coletivo. Assim, no auge dessa terrível pandemia, contamos com a arte mediando sensibilidades e inspirações, como nos detalhes da obra de Anny.

Já a segunda produção cultural analisada nesse artigo, tem como título, “Proteção”, traz uma imagem que ilustra a dicotomia entre o externo nebuloso da pandemia se contrapondo à busca da artista por proteção.

Título: "Proteção"

Mediação:

“O importante não é a casa onde moramos, mas onde, em nós, a casa mora”

Mia Couto.



Artista: Christina Brazil - RJ

Trabalho (técnica): desenho

A Experiência de si:
o sentir/pensar no contexto da pandemia

Estamos diante de uma obra enigmática? daquelas que provocam a curiosidade de interpretar e decifrar aquilo que não está dito? Seu teor enigmático expressa o movimento conjunto de busca e obra. Busca por respostas em um momento de muitas incertezas frente ao desconhecido provocado pela pandemia e, obra no sentido de materialização deste estado de coisas em um desenho.

Temos como pistas que seu sentido é historicamente datado e está ligado ao contexto social. Registra-se que o desenho foi feito no dia 22 de março de 2020, no início da quarentena, em meio à reconfiguração de nossas rotinas, com o isolamento social que, do dia para a noite, fez com que as pessoas olhassem para suas casas, para suas vidas e se arriscassem em uma tarefa cotidiana de olhar, sentir, tocar e refletir sobre a fragilidade da vida e das prioridades elegidas. Assumindo que as situações sempre têm um fundo enigmático, desconhecido, que faz com que nunca possamos determiná-las tal como gostaríamos.

Assim, sem a pretensão de explicar ou depurar a realidade e as atitudes humanas que a produção cultural, “Proteção”, invoca e conscientes do agravamento das desigualdades sociais, procuramos mobilizar forças e sentidos e, quiçá, mudanças em nós e nos outros lançando mão do pensamento de Mia Couto (2003: 52) como elemento de mediação cultural inclusiva:

“O importante não é a casa onde moramos, mas onde, em nós, a casa mora”.

Inspiradas por esta composição em múltiplas linguagens, buscamos elaborar uma audiodescrição que, ao mesmo tempo, trouxesse à tona o que é visível para alguns olhos e invisível para todos os olhos.

[Início da audiodescrição da imagem]

Desenho feito com dois planos que se contrapõem: o fundo, com cores escuras e nebulosas e, ao centro, em cores leves e aconchegantes um globo de cristal, que protege uma casa e tudo ao seu redor. Dentro do globo, no centro, uma casa de campo, com a luz acesa, cercada por um gramado. À esquerda da casa, encontram-se uma árvore, um pequeno lago e um caminho de chão batido que sai da porta da casa e segue em direção à parede do globo. À direita da casa, algumas madeiras empilhadas e um poço de água, coberto por um telhado. O céu está claro, com o sol ao centro e três gaivotas voando. Na foto, acima do desenho, no canto superior esquerdo, há uma lupa.

[Fim da audiodescrição da imagem]

Importante ressaltar que a lupa, que aparece na foto não é parte da imagem desenhada, é uma espécie de assinatura da artista, que possui baixa visão e, com intencionalidade, tem duplo significado. No primeiro, a lupa é um recurso de acessibilidade. No segundo, transcende a manifestação visual no campo das artes e aponta caminhos para compreender os elementos constitutivos da imagem que promovem sentido e fomentam emoções, estabelecendo conexões e paralelos com a experiência de estar frente a frente com a produção cultural e consigo, percebendo e estabelecendo sentidos e significados outros com o momento pandêmico. Tal intercambialidade exprime o vigor e a relevância da experiência estética a todas as pessoas, pois:

Mais uma contaminação em tempos de possíveis epidemias. Aqui o vírus é outro, um tipo que contamina esteticamente e modifica aquele que nutre e aumenta o vigor para perceber e transitar no mundo – uma saudável contaminação, e mais do que isso, necessária... “vírus estético” (MARTINS, 2014: 250).

Assim, somos afetados pela estesia que nos torna a realidade significativa, dando novo sentido às coisas, estas podem nos mostrar perspectivas diferentes acerca da própria realidade que estamos vivenciando, daí porque ser primordial oportunizar experiências de sentir/pensar, que integrem sensibilidade, expressão e conhecimento.

Conclusões

É certo que, mesmo em condições tão adversas de uma crise global, emergem convocatórias de apreciação à vida, de sentir/pensar sobre a existência e a coexistência de maneira integradora e de luta coletiva.

Diante do exposto, o Portfólio “Escrita de Si” se apresenta como um produto de pesquisa que visa provocar o movimento estético e estésico, que apreende as similitudes e complementaridades da existência humana, nesse período tão adverso pelo qual estamos passando. Trata-se, portanto, de um material que instiga o olhar, o sentir, tocar (afeto) em um exercício de interrelacionar as experiências e, assim, provocar novas conexões entre as experiências pessoais com a coletividade.

Condizente ao momento atual, concretizamos uma proposta democrática, engajada com a realidade, valorizadora das singularidades, com vistas à elaboração do todo, ou seja, da condição humana em tempos adversos. Nesse exercício criativo e inclusivo lapidamos nossa compreensão sobre as barreiras reais e virtuais, promovendo mecanismos de inclusão na perspectiva ampliada, tendo em vista que lidamos com as demandas específicas da condição humana, bem como do acolhimento da diversidade de olhares, percepções e ações, fomentando protagonismos.

Notadamente, a experiência estética dinamiza os sentidos humanos para aguçar a percepção sobre a realidade, propiciando um estado de reflexão e autorreflexão propícios à formação de (re)conhecimento. Dessa maneira, o pensar sobre si se configura como prática libertadora, de caráter cuidadoso a tudo que nos toca, nos afeta, nos contamina e nos transforma, tal como nos provoca Manoel de Barros (1996: 75):

A expressão reta não sonha. Não use o traço acostumado. A força de um artista vem das suas derrotas. Só a alma atormentada pode trazer para a voz um formato de pássaro. Arte não tem pensa: O olho vê, a lembrança revê, e a imaginação transvê. É preciso transferir o mundo.

Assim, não caminhamos em linha reta, evitamos ‘o traço acostumado’, tal como nos convida o poeta Manoel de Barros e nos situamos pelos percursos das pesquisas tomando como elemento-chave a narrativa da formação de si.

A Experiência de si:
o sentir/pensar no contexto da pandemia

Referências

- ADORNO, Theodor W. *Temas básicos de sociologia*. São Paulo: Cultrix, 1973.
- ADORNO, Theodor W. *Palavras e Sinais: Modelos Críticos 2*. Petrópolis: Vozes, 1995.
- ADORNO, Theodor W. “A arte é alegre”. Trad. Newton Ramos-de-Oliveira. In: RAMOS DE OLIVEIRA, Newton; ZUIM, Antonio Álvaro Soares; PUCCI, Bruno (orgs.). *Teoria Crítica, Estética e Educação*. Campinas: Autores Associados; Piracicaba: UNIMEP, 2001.
- ADORNO, Theodor W. Teoria da Semicultura. *Primeira Versão*, Ano IV. N° 191. Vol. XIII. Maio/Agosto – Porto Velho, 2005.
- ADORNO, Theodor W. *Educação e Emancipação*. 5ª reimpressão. São Paulo: Paz e Terra, 2010.
- ADORNO, Theodor W; & HORKHEIMER, M. *Dialética do Esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.
- BARROS, Manuel. *Livro sobre nada*. Rio de Janeiro: Record; 1996.
- BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil: promulgada em 5 de outubro de 1988. Presidência da República - Casa Civil, Brasília, 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm Acesso em: 20/01/2021
- BRASIL. Decreto nº 6.949, de 25 de agosto de 2009. Promulga a Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência e seu Protocolo Facultativo, assinados em Nova York, em 30 de março de 2007. Presidência da República - Casa Civil, Brasília, 2009. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/decreto/d6949.htm Acesso em: 08/11/2020
- BRASIL. LEI nº 13.146, de 06 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Presidência da República - Casa Civil, Brasília, 2015. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2015/Lei/L13146.htm Acesso em: 20/01/2021.
- CAMBI, Franco. *História da pedagogia*. Trad. Álvaro Lorencini. São Paulo: Ed. UNESP, 1999.
- COUTO, Mia. *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- DIAS, Joelson; FERREIRA, Laíssa da Costa; GURGEL, Maria Aparecida; FILHO, Waldir Macieira da Costa Filho (orgs.). *Novos Comentários à Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência*. Brasília: Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República (SDH/PR), Secretaria Nacional de Promoção dos Direitos da Pessoa com Deficiência (SNPD), 2014.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. Divergências e Convergências sobre o Método Dialético entre Adorno e Benjamin. In PUCCI, Bruno; GOERGEN, Pedro; FRANCO, Renato (orgs.). *Dialética Negativa, Estética e Educação*. Campinas, SP: Editora Alínea, 2007, p. 67-87.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e saber de experiência. *Revista Brasileira de Educação*. n° 19, jan/fev/mar/abr 2002, Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rbedu/n19/n19a02.pdf> Acesso em: 01/03/2021

MARANGON, Marcio Luis. *Bildung na contemporaneidade: alguns legados pedagógicos de Goethe*. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, 2013. Disponível em: <http://tede.upf.br/jspui/bitstream/tede/783/1/2013MarcioLuisMarangon.pdf> Acesso em 28/01/2021.

MARTINS, Mirian Celeste (coord.). Curadoria educativa: inventando conversas. Reflexão e Ação – *Revista do Departamento de Educação/UNISC - Universidade de Santa Cruz do Sul*, vol. 14, n. 1, jan/jun 2006, p.9-27. Disponível em: http://fvcb.com.br/site/wp-content/uploads/2012/05/Canal-do-Educador_Texto_Curadoria-Educativa.pdf Acesso em: 21/03/2021.

MARTINS, Mirian Celeste. Mediações culturais e contaminações estéticas. *Revista GEARTE*, Porto Alegre, RS, v. 1, n. 3, dez. 2014. ISSN 2357-9854. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/gearte/article/view/52575>. Acesso em: 21/03/2021.

SIMÕES, Maria Cristina Dancham. Formação para a educação de pessoas com deficiência. *Journal of Research in Special Educational Needs*, Volume 16, Number 1 2016 534–538 doi: 10.1111/1471-3802.12183. Disponível em: <https://nasen-journals.onlinelibrary.wiley.com/doi/epdf/10.1111/1471-3802.12183> Acesso em 28/01/2021.

UNESCO. *Declaração Universal dos Direitos Humanos*. Assembleia Geral das Nações Unidas, 1948. Disponível em: <http://www.dhnet.org.br/direitos/deconu/textos/integra.htm> Acesso em: 20/02/2021.

UNESCO. *Declaração de Salamanca*. 1994. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/salamanca.pdf> - Acesso em 20/02/2021